

A DEMOCRATIZAÇÃO DOS MEIOS PELO PROJETO EDUCOM.RÁDIO: UM SONHO POSSÍVEL

Eliany Salvatierra Machado

doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA/USP.

Cláudia Lago

doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professora da FAMEC.

Maria Izabel de Araújo Leão

jornalista e mestranda em Ciências da Comunicação, na linha de pesquisa Comunicação e Educação, pela Escola de Comunicações e Artes da USP.

Resumo

"Na década de 90, no Brasil e principalmente entre estudantes e profissionais da área do jornalismo o tema democratização nos meios de comunicação era de extrema relevância política e social. Desde então, 15 anos se passaram, e hoje já podemos observar os avanços, retrocessos e contradições. O nosso objetivo neste texto, contudo, não é fazer "o estado da arte" sobre a democratização dos meios, mas apresentar algumas das discussões que, nós do NCE, realizamos ao longo dos últimos 4 anos no projeto Educomrádio realizado em São Paulo, que teve entre os seus objetivos e pressupostos a democratização dos meios. Será que o barateamento dos equipamentos, projetos de comunicação e educação, programas de formação para a educomunicação e políticas públicas auxiliaram no processo de democratização? Essas entre outras são as questões que esperamos debater."

Palavras-chave

Educom.rádio, educomunicação, democratização da comunicação, radiodifusão, midiático

Introdução

Este texto tem como objetivo problematizar a discussão e a implementação da democratização dos meios a partir das sistematizações, reflexões e análises das práticas do projeto Educom.Rádio realizado nas escolas municipais de ensino fundamental da cidade de São Paulo, pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP).

Algumas questões se colocam: que tipo de uso as pessoas fariam do meio de comunicação, no caso o rádio, uma vez de posse dele? Seria possível conquistar a gestão participativa e democrática desse meio? De que forma isso se liga à questão da necessária democratização dos meios? Como essas questões apareceram nas práticas do projeto Educom.Rádio em São Paulo?

A discussão da democratização dos meios não é nova. Segundo Nascimento, a origem da luta pela democratização da comunicação, no âmbito nacional, surge juntamente com a movimentação em torno da regulamentação da cabo difusão no Brasil na década de 1970. No campo da comunicação, em 1983 é criada a Frente Nacional por Políticas Democráticas de Comunicação e coube à Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) iniciar o primeiro movimento de cunho nacional.¹

¹ NASCIMENTO, Iracema Santos, *A Democratização como ela é: a experiência do Canal Comunitário a Cabo de Porto Alegre*, Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 2001

“Cabe lembrar que a frente surgiu durante o auge da efervescência da movimentação social no Brasil. Foi em agosto de 1983, que várias classes operárias, reunidas no I Congresso Nacional das Classes Trabalhadoras (CONCLAT), em São Bernardo do Campo-SP, fundaram a Central Única dos Trabalhadores (CUT).”²

A luta pela democratização dos meios surge no Brasil juntamente com a luta pela própria democratização do país, como bem lembra Nascimento, quando a população se organiza e exige a democracia. Na década de 90 é criado o Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação Social (ENECOS), e jornalistas, militantes da esquerda e principalmente estudantes estavam convencidos que o caminho para a democracia passava pela descentralização dos meios de comunicação.

Naquela época, e ainda hoje, apenas nove famílias detêm mais de 90% de toda a circulação de informação e de produtos culturais, no Brasil. Quatro são grupos nacionais, como a família Marinho, da TV Globo e Globosat, com 32 concessões; membros da Igreja Universal do Reino de Deus, donos da TV Record, com 21 concessões; família Saad que controla a TV Bandeirantes e o Canal 21, com 12 concessões; a família Silvio Santos, proprietária do SBT, com 10 concessões, além de três grupos Regionais³. Essa concentração fere inclusive os princípios legais da radiodifusão, como explicitado por Lima.⁴

² Nascimento, *op cit.*, p. 60.

³ CF. LOBATO, Elvira, Concessões crescem em família. São Paulo, *Folha de S. Paulo*, 16 de set. 2000, TV brasileira 50 anos, p. 4-5. In: Nascimento, Iracema Santos do, *op. Cit.*, p. 39

⁴ Segundo Lima, o Brasil é marcado por um padrão universal, a concentração da propriedade dos meios, em que “não há cumprimento da norma legal (Decreto 236/67) que limita a participação societária do mesmo grupo nas empresas de radiodifusão a 5 concessões em UHF em nível nacional...” In: Lima, Venício. *Mídia: Teoria e Política*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2001

É dentro desse quadro que, a partir da década de 90, intensifica-se a organização de encontros, e são formados grupos e associações para discutir a democratização dos meios e criar alternativas de difusão. No entanto, pouco se avançou nas práticas sobre as concessões das grandes redes, sejam de Televisão ou de Rádio. Estas, por sua vez, silenciaram sobre a temática. Assim, apesar desse intenso debate ocorrido em alguns círculos e da disposição de muitos produtores e jornalistas em tentar apresentar e desenvolver alternativas na produção de informação pelos meios, o debate sobre a democratização não alcança a maior parte da população, graças ao silêncio midiático⁵.

Paralelamente às discussões sobre as concessões das grandes redes intensifica-se a partir de 1996 a atuação das TVs e as Rádios comunitárias, muitas delas organizadas por grupos com a intenção de lutar e garantir o acesso aos meios de comunicação e, principalmente, possibilitar o aprendizado da linguagem midiática, para que as pessoas pudessem expor o seu próprio ponto de vista, seus ideais e os seus valores culturais. Cabe aqui ressaltar que esse acesso puro e simples não é garantia de uso do meio com bases democráticas e, mais ainda, de democratização dos meios em termos gerais. Esse ponto será abordado posteriormente à luz da experiência do Educom.Rádio.

Também com a perspectiva da democratização são criados alguns projetos que buscam alfabetizar, para a produção e para a análise crítica,

⁵ No final do governo FHC, ensaiou-se uma proposta de alteração na lei de Radiodifusão, intensamente debatida entre grupos e pessoas interessadas na democratização dos meios, pelo governo e pelas próprias associações das empresas. Essa discussão só foi noticiada em alguns jornais, como o Estado de S. Paulo, e em alguns sites, fugindo completamente da agenda das empresas de rádio e TV. Agora o governo Lula prepara-se para criar nova proposta de atualização da legislação

dos meios. Ou seja, discutir com o maior número possível de pessoas, principalmente os mais jovens, a desneutralização da mídia, percebendo sua construção, e de suas linguagens dentro de um contexto social – e ideológico. O esforço mais conhecido nesse sentido foi o projeto de Leitura Crítica da Comunicação (LCC), levado a cabo pela da União Católica Brasileira de Comunicação (UCBC). Além deste e de outros de iniciativa da UCBC, membros fundadores da entidade, como Mariazina Fusari, Ismar de Oliveira Soares e José Manuel Moran, passaram a desenvolver trabalhos e projetos nesse sentido.

Foi dentro deste espírito e seguindo os objetivos da luta pela democratização dos meios, que Ismar de Oliveira Soares propôs, em 2001, à prefeitura de São Paulo, o Projeto “Educom.Rádio: A educomunicação pelas ondas do rádio”.

O objetivo principal era implantar ecossistemas comunicativos para melhorar o coeficiente comunicativo da comunidade escolar e assim reduzir o problema da violência nas Escolas Municipais de Ensino Médio (EMEFs), como também permitir que professores, alunos e membros da comunidade pudessem protagonizar⁶ a produção da Rádio Escolar, exercendo o papel de produtores de informação.

Neste sentido o NCE, núcleo coordenado por Soares, optou por formatar um projeto que tivesse na composição da sua estrutura etapas de discussões e análises, juntamente com oficinas de produção radiofônica. No

⁶ Segundo definição do pedagogo Antonio Carlos Gomes da Costa, entende-se por ação protagônica (protagonismo) como sendo aquela em que, na sua execução, o educando é ator principal no processo de seu desenvolvimento. Por meio desse tipo de ação, o adolescente adquire e amplia seu repertório interativo, aumentando assim sua capacidade de interferir de forma ativa e construtiva em seu contexto escolar e sócio-comunitário. In: GENÉSIO, Zeferino da Silva Filho. Educomunicação e sua metodologia. Um estudo a partir de práticas de ONGs no Brasil. Tese de doutorado orientada por Ismar de Oliveira Soares, ECA, USP, São Paulo, 2004

início a intenção era levar até as comunidades educacionais as discussões sobre a comunicação, linguagem radiofônica, políticas públicas e garantir o acesso ao meio. O diferencial em relação a projetos semelhantes era que a discussão do meio estava inserida dentro da perspectiva de democratização do ambiente escolar, questionando-se as relações cotidianas estabelecidas pelas práticas pedagógicas usuais, hierarquizadas e verticais.

O curso, além disso, foi pensado para socializar também as mais recentes pesquisas e estudos desenvolvidos na ECA/USP. A idéia foi levar o conhecimento produzido na academia, aos professores, alunos e membros da comunidade da periferia de São Paulo. Por outro lado, ao mesmo tempo em que os especialistas apresentavam os seus estudos e reflexões, também apreendiam a realidade de cada bairro, de cada escola, da periferia, fazendo com isso que a proposta de “troca”, tão incentivada pela Universidade, saísse do papel e se concretizasse.

O NCE vislumbrou nesse projeto a oportunidade da escola ter uma rádio⁷ em que professores, pais, alunos e funcionários estabelecessem juntos uma “prática educomunicativa”, garantido uma gestão participativa, ou seja, uma participação igualitária entre todos os componentes do grupo, sem hierarquia de poderes ou de saberes.

O termo gestão participativa é definido por Soares⁸ como

“todo processo articulado e orgânico voltado, a partir de dada intencionalidade educativa, para o planejamento, execução e avaliação de atividades destinadas a criar e manter ecossistemas

⁷ O equipamento de rádio, de frequência restrita, intra-muros, é acompanhado de várias caixas de som, transportáveis, que permite a escuta em qualquer ponto da escola

⁸ SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. Contato: Revista Brasileira de Comunicação e Arte, Brasília, v.2, ano 1, 1999

comunicacionais, entendidos como ambientes regidos pelo princípio da ação e do diálogo comunicativos.”

Palestras e oficinas – Os temas das palestras, que aconteciam aos sábados, durante o curso proposto pelo Projeto Educom.Rádio, abrangiam desde a Educomunicação, como proposta e sua história, as linguagens dos meios, as mediações da comunicação, o meio ambiente, o protagonismo, até especificidades como a discussão sobre a formação ou não de subjetividades. Já as oficinas englobavam: produção radiofônica, linguagem audiovisual, produção de jornal mural, planejamento educacional, etc.

Os temas transversais apontados pelos PCNs, como meio ambiente, multiculturalismo, protagonismo, saúde, assim como as mediações culturais, subjetividade, práticas educacionais, políticas de comunicação, linguagens da comunicação, também eram abordados nas palestras. Enquanto que as oficinas de práticas radiofônicas tinham como objetivo capacitar os participantes a elaborar, produzir e apresentar programas de rádio, assim como a usar outros recursos da comunicação para a produção da informação.

A proposta final do Projeto Educom.Rádio era levar os participantes a discutir e aplicar as metodologias de planejamento para a implementação de trabalhos curriculares e extracurriculares, com a produção radiofônica e multimidiática, a partir da aplicação dos conceitos educacionais nos planos pedagógicos da escola, o que denominávamos de planejamento de práticas educacionais.

Todos os sábados, durante 3 anos e meio, (o projeto iniciou no segundo semestre de 2001 e terminou no final de 2004), das 8:00 às 18:00 horas, as equipes compostas de articulador, assistente de coordenação e

mediadores, eram distribuídas para os mais diversos pontos da grande São Paulo, chegando a percorrer toda a periferia e centro da cidade. Nos últimos meses de 2004 o projeto chegou a capacitar uma média de 100 participantes por grupo. Segundo dados fornecidos pelo NCE, o Educom.Rádio abrangeu aproximadamente 11 mil pessoas, entre professores, alunos e membros da comunidade.

Nas oficinas de capacitação técnica os mediadores ajudavam os professores e alunos a manusearem o equipamento, construírem roteiros e a realizarem programas com vinhetas, passagens, trilha sonora, efeitos e tudo mais que a criatividade permitisse.

Aqui cabe uma questão: dentro de um contexto de discussão da democracia, como os cursistas perceberam as possibilidades abertas pelo uso do meio⁹, mesmo sendo uma rádio de frequência restrita?

A EMEF Abrão de Moraes talvez seja um dos bons exemplos. Depois do Projeto Educom.Rádio ter passado pela escola, um grupo de professores e alunos se organizou para produzir e colocar programas no ar da rádio da escola e também na rádio web produzida por eles. A perspectiva era que entrassem no “ar” de forma criativa e democrática, não apenas em sua rádio, mas nos quase 300 equipamentos que foram entregues pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, até o final do projeto, formando uma verdadeira rede entre as EMEFs. Se todos os equipamentos estivessem em pleno funcionamento, criando ecossistemas educacionais, podemos imaginar os efeitos a médio prazo, ampliando a recepção ativa dos

⁹ As potencialidades desse tipo de mídia, são analisadas por Downing, quando comenta, por exemplo, a experiência de um grupo de mulheres em um bairro pobre de Bogotá, que participaram de um pequeno projeto de vídeo e, a partir dele, ampliaram sua capacidade de atuação comunitária. Downing, John. *Radical Media and Social Movements*. In: Moreira, Sônia V. e Bragança, Aníbal. **Mídia, Ética e Sociedade**. Belo Horizonte, PUC Minas e Intercom, 2004

envolvidos. No entanto, não foi o que aconteceu. Poucas escolas alcançaram esse tipo de perspectiva em relação às rádios. Muitas delas¹⁰, debatem-se ainda com as contradições, as reproduções ou as “mediações” que cerceiam o projeto e a própria Rádio na Escola.

As Escolas, que após o término do projeto Educomrádio deveriam receber o equipamento, durante o curso de formação discutiram sobre comunicação e educomunicação, conjuntamente com a capacitação técnica.

Sabemos que nem todas as EMEFs receberam as rádios. Muitas que receberam sub-utilizam o equipamento (apenas como instrumento acessório em dias de festa, por exemplo). Outras ainda estão com equipamentos quebrados e sem verba para o conserto. Além das dificuldades operacionais, em muitas delas a prática educacional proposta não foi incorporada. O que houve, o que foi que realmente aconteceu?

Entre muitas variáveis podemos considerar a “significação”, ou seja, o sentido que se dá ao se ter acesso aos meios de comunicação. Podemos afirmar que essa não era propriamente uma reivindicação ou mesmo uma solicitação por parte dos professores. Apesar das reivindicações aparecerem nos programas radiofônicos e nos vários manifestos da “Rádio que Queremos”¹¹, construídos pelos cursistas durante os Simpósios de

¹⁰ Infelizmente, o acompanhamento da implementação do Projeto, necessário para mensurar e também garantir seu enraizamento nas escolas, nunca foi aceito pelo Poder Público, o que espelha suas contradições, mesmo quando se dispõe a garantir esse tipo de projeto,

¹¹ Alunos da rede municipal de ensino fundamental se reuniram no último dia 6 de dezembro, em treze locais diferentes de São Paulo, nas regiões leste, oeste, norte e sul, para redigir um manifesto sobre a rádio que desejam construir em suas comunidades escolares. Foram, ao todo, 780 estudantes de 80 escolas que trabalharam na elaboração do **Manifesto A rádio que queremos**: "Queremos uma rádio que tenha a participação de todos, seja livre para a gente dizer o que pensa e dê transparência ao que se faz na escola. Antes de serem tomadas decisões que mexem com a gente, queremos que elas sejam apresentadas e discutidas na rádio, e que ela convide toda a comunidade a se manifestar. Queremos uma rádio que não fira ninguém com nenhuma forma de discriminação, que ajude a nos prevenir contra a

Educomunicação, não nos parece que existia por parte dos professores, principalmente, alunos e membros da comunidade uma vontade de utilizar a rádio como possibilidade de democratização de sua participação, de construção de idéias e muito menos de valores. Essa pode ser, portanto, a manifestação de um outro problema, muito mais grave e de ordem cultural: a falta da prática da participação e do diálogo, na gestão da comunidade escolar.

A prática democrática ainda é uma conquista. Apesar das diversas discussões sobre a “democratização dos meios” sofremos com a não democratização nas relações sociais. Talvez até porque, a democracia é uma conquista permanente e não uma realidade concreta já implementada no nosso país. Falta o hábito de “sentar junto”, conversar, trocar idéias, discutir e assumir os conflitos, as contradições e, principalmente, os diferentes pontos de vista, exercitar o que chamamos “a escuta do outro”. Ou seja, tanto os professores como os alunos e membros da comunidade não viram no equipamento de rádio a possibilidade de acesso a um meio de comunicação de massa e de democratização da informação porque nas próprias relações sociais esse não é o foco das preocupações. Essa é uma variável complicada de analisar, contudo extremamente importante e necessária.

Entretanto, apesar de muito presente, essa visão não é hegemônica: alguns cursistas conseguiram atribuir um sentido diferente à rádio na escola

ameaça das drogas e da violência. Queremos uma programação escolhida democraticamente por todos nós, com muita música, que divulgue as bandas novas que tocam na escola e o teatro que fazemos; que tenha notícia e que politize, mas sem ser chata. A rádio da gente precisa de humor, esporte e, uma coisa muito importante: precisa divulgar o ECA para os 4 cantos do mundo porque muitas pessoas não sabem ainda o que diz o Estatuto da Criança e do Adolescente. Nós já sabemos com certeza que educação depende de comunicação. Talvez, um slogan legal para a rádio que queremos seja este: os incomodados não se mudem, os incomodados que façam mudar!" In:
<http://www.educomradio.com.br/cafe/cafe.asp?editoria=ECOMH&cod=703>

A DEMOCRATIZAÇÃO DOS MEIOS PELO PROJETO EDUCOM.RÁDIO: UM SONHO POSSÍVEL

Eliany Salvatierra Machado, Cláudia Lago e Maria Izabel
de Araújo Leão

<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>

e à produção radiofônica. Podemos chamá-los de protagonistas, porque são eles que estão atuando nas escolas depois da passagem da capacitação do Educom.Rádio e até ampliaram os recursos oferecidos inicialmente. Como é o exemplo da professora Ana do Carmo Santos Moreira, que juntamente com a agente escolar Roseli Oliveira da Silva, ambas da EMEF Euzébio Rocha Filho, do grupo Roquette Pinto, relatam que:

“a proposta da Educomunicação veio para mexer nas antigas estruturas. O Educom aumenta a auto-estima dos alunos. Notamos que a partir da participação dos alunos no projeto Educom.Rádio houve a elevação da auto-estima, o companheirismo, o desenvolvimento do compromisso e da responsabilidade mútuas. Também observamos um maior engajamento nas atividades propostas em sala de aula e no ambiente escolar.”

Outro aspecto interessante, já identificado por Lago e Horta¹² é a relação entre o sujeito envolvido (e o espaço que ocupa no ambiente escolar) e a possibilidade de transformação. Assim, é justamente junto aos estudantes, tradicionalmente alijados de sua voz, onde o projeto tende a ganhar uma significação mais aproximada do contexto da democratização. Tanto é que um dos efeitos percebidos após o Educom.Rádio, foi a disposição de muitos alunos por montarem seus grêmios escolares.

Parece contraditório dizer que não houve um processo de significação e ao mesmo tempo mostrar que para alguns cursistas, sejam esses alunos, professores, ou membros da comunidade, a mudança foi significativa. A questão que inquieta, no entanto, é que o reconhecimento não é quantitativamente significativo. Contudo, é qualitativamente representativo e, aponta para uma possível constatação: propostas como a do

¹² Lago, Cláudia e Alves, Patricia Horta. Educom.rádio: uma política pública que pensa a prática pedagógica In: **Anais da V Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM)**. Florianópolis, novembro/dezembro, 2003

Educom.Rádio não transformam a sociedade, mas acabam intervindo em subjetividades particulares, fazendo a diferença, diferença essa que não está na ordem da visibilidade dos próprios meios de comunicação, da visibilidade da subjetividade, do protagonismo e da participação, mas sim pode ser sentida através das mudanças de posturas e de valores que alguns alunos, professores, e membros da comunidade passaram a ter no decorrer do curso e que não podem ser quantificadas.

À Guisa de Conclusão - Podemos afirmar que no interior das ações e dos processos empreendidos, há uma forma de conduzir a comunicação nos espaços escolares que possibilita e promove a participação, o envolvimento efetivo e afetivo dos membros da comunidade escolar. Há uma maneira de gerir os processos comunicacionais que possibilita a co-participação, a integração de todos os participantes, em seus diversos níveis, em torno de determinados objetivos e metas comuns.

Para a educomunicação, o espaço é entendido como um ecossistema comunicativo, conceituador por Soares como:

“a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o modus faciendi dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional”¹³

¹³ In: SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. Contato: Revista Brasileira de Comunicação e Arte, Brasília, v.2, ano 1, 1999

É esse espaço que possibilita o processo de partilha e de elaboração de valores vivenciais por parte das pessoas envolvidas. Nesse sentido percebemos que o espaço educomunicativo possibilita aos envolvidos aceitar determinados valores e elaborar novos, uma aceitação que não tem conotação passiva, de mera aceitação de valores, mas sim de elaboração e re-elaboração destes.

A prática educomunicativa busca como essência a gestão participativa, o respeito ao potencial do indivíduo e a promoção do diálogo, desencadeando, simultaneamente, a transformação dos espaços educativos e dos sujeitos inseridos no processo, que acontece de forma diferenciada e processual.

Como ressalta Martin Barbero¹⁴, a simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo, sob a égide da modernização tecnológica. O desafio está em como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas e o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto.

Os meios de comunicação, inseridos em comunidades ativas e organizadas, assumem mais claramente um papel educativo, tanto pelo conteúdo de suas mensagens quanto pelo processo de participação popular que eles podem arregimentar na produção, planejamento e gestão da comunicação.

De acordo com Peruzzo,

¹⁴ BARBERO, Jesús Martin. Dos meios às mediações. Rio de Janeiro/UFRJ, 1997

“A participação popular é algo construído dentro de uma dinâmica de engajamento social mais amplo em prol do desenvolvimento social e que tem o potencial de, uma vez efetivada, ajudar a mexer com a cultura, a construir e reconstruir valores, contribuir para maior consciência dos direitos humanos fundamentais e dos direitos de cidadania, a compreender melhor o mundo e o funcionamento dos meios de comunicação de massa, revelando-se assim como espaço de aprendizado das pessoas para o exercício de seus direitos e a ampliação da cidadania.”¹⁵

A partir da experiência do Educom.Rádio, podemos afirmar que os meios podem enriquecer o ato pedagógico, favorecendo uma efetiva interatividade entre os agentes do processo educativo.

Mas, mais importante do que isso, a relação proposta, que coloca os meios como parte de um processo educomunicativo, contribui para a resignificação dos sujeitos envolvidos, ao permitir uma outra equação entre seus valores e a possibilidade de expressão destes, geralmente negada pelo ambiente escolar tradicional.

Nesse sentido, dentro do contexto da democratização das relações possui uma imensa potencialidade, que pode apontar também para a perspectiva mais ampla de democratização dos meios de comunicação e da própria sociedade, pois quase sem fazer alarde disso, o Educom.Rádio coloca para aqueles que delem participaram sua condição de sujeitos nos processos com os quais se envolvem. Se nem todos assimilam essa percepção inicialmente (essa possibilidade, repetimos, é processual), aqueles que o fazem, e quando o fazem, têm todas as condições de partir para novas buscas dentro do escopo da democracia, essa conquista cotidiana.

¹⁵ PERUZZO, Cecília Maria Kroling (Org.). Comunicação e culturas populares. INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1995, 204p.

Bibliografia

1. BARBERO, Jésus Martin. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro/UFRJ, 1997.
2. DOWNING, John. **Radical Midia and Social Movements**. In: Moreira, Sônia V. e Bragança, Aníbal. **Mídia, Ética e Sociedade**. Belo Horizonte, PUC Minas e Intercom, 2004.
3. GOMES DA COSTA, Antonio Carlos. In: GENÉSIO, Zeferino da Silva Filho. **Educomunicação e sua metodologia. Um estudo a partir de práticas de ONGs no Brasil**. Tese de doutorado orientada por Ismar de Oliveira Soares, ECA, USP, São Paulo, 2004.
4. LAGO, Cláudia, ALVES, Patrícia Horta. **Educom.rádio: uma política pública que pensa a prática pedagógica** In: Anais da V Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM). Florianópolis, novembro/dezembro, 2003.
5. In: LIMA, Venício. **Mídia: Teoria e Política**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2001.
6. LOBATO, Elvira. **Concessões crescem em família**. São Paulo, Folha de S. Paulo, 16 de set. 2000, TV brasileira 50 anos, p. 4-5. In. Nascimento, Iracema Santos do, op. Cit., p. 39.
7. In: MOREIRA, Sônia V. e BRAGANÇA, Aníbal. **Mídia, Ética e Sociedade**. Belo Horizonte, PUC Minas e Intercom, 2004.
8. NASCIMENTO, Iracema Santos, **A Democratização como ela é: a experiência do Canal Comunitário a Cabo de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 2001.
9. PERUZZO, Cecilia Maria Kroling (Org.). **Comunicação e culturas populares**. INTERCOM, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1995, 204p.
10. SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Contato: Revista Brasileira de Comunicação e Arte, Brasília, v.2, ano 1, 1999.